

## DEBATES

# Fóruns trazem soluções para melhorar produtividade

Debates setoriais promovidos durante a feira em Não-Me-Toque trouxeram ideias e propostas que ficam como legado da edição do evento

Ana Esteves, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

A Expodireto Cotrijal já se consolidou como um espaço para debates e busca de saídas para os principais gargalos dos mais diversos setores do agronegócio e, nesta edição, não foi diferente: uma série de fóruns, painéis e encontros marcaram os cinco dias da feira e, cada um deles, trouxe ideias, soluções e propostas que ficam como legado desta edição da mostra de Não-Me-Toque.

É o caso da 10ª edição do Fórum Estadual de Conservação do Solo e da Água, que apontou os principais desafios e estratégias para uma produção sustentável, justamente no momento em que o Rio Grande do Sul deve amargar mais perdas nas lavouras de soja, em função da ocorrência de estiagem. Para a assessora da presidência do Sistema Farsul, Paula Hofmeister, o evento planta sementes sobre pautas importantes no sentido de desenvolver uma agricultura regenerativa. “A atividade agropecuária agrosilvopastoril foi apontada por



Encontro que abordou a conservação de solo versou sobre os principais desafios e estratégias para uma produção sustentável

mim como uma solução para as mudanças climáticas e principalmente como uma aliada para o nosso planeta”, afirma.

A especialista reformou também a importância da cobertura do solo, 365 dias por ano, como uma forma de armazenar carbono e água. “O solo é a nossa caixa d’água, e por isso é uma forma de enfrentamento das estiagens”, acrescenta.

Outro ponto de destaque foi a discussão sobre a precariedade dos solos, pela ocorrência de desordem física e química, com baixa taxa de infiltração de água e uma grande concentração de nutrientes na primeira camada.

“O grande desafio é fazer chegar no campo as tecnologias e romper as barreiras criadas pela falta de conhecimento”, afirma o chefe de Trans-

ferência de Tecnologia da Embrapa Trigo, Giovani Faé.

Já o chefe-geral da Embrapa Trigo, Jorge Lemanski, diz que há uma grande desordem química na camada subsuperficial, identificada em mais de 40% das 379 mil análises de solos realizadas entre 1984 e 2022, com presença de alumínio tóxico e a ausência dos níveis críticos mínimos de fósforo e potássio.

“Essa desordem nos levou ao que chamamos de efeito do rio sanfona, que enche rapidamente e esvazia rapidamente”, destacou Lemanski.

As soluções voltadas à irrigação também estiveram no centro dos debates como forma de conscientizar os produtores sobre a necessidade de uso da técnica, em tempos de mudanças climáticas. O engenheiro agrônomo Fernando Cirolini, difusor técnico de Produção Vegetal da Cotrijal, destacou que a região vem ampliando a adoção da irrigação. “Nosso objetivo é mostrar ao agricultor como estruturar um projeto de irrigação em todas as suas nuances. Buscamos soluções que garantam uma produção agrícola mais sustentável, com foco em irrigação eficiente, outorga de uso da água e integração lavoura-pecuária”, afirmou.

O cenário atual da irrigação no Rio Grande do Sul foi analisado pelo painelistas Cleiton Dalla Santa, especialista em irrigação: “hoje são cerca de 8 milhões de hectares irrigados, com potencial para chegar a 55 milhões de hectares. Há, portanto, uma enorme área a ser explorada com diferentes sistemas de irrigação, seja por superfície ou inundação, aspersão ou pivô central, entre outros”. Na avaliação de Dalla Santa, o acesso ao crédito ainda representa um desafio para o avanço da irrigação no Estado.

## Debate apontou caminhos para transformar desafios em oportunidades

Com o tema do leite como pilar central, o 21º Fórum Estadual do Leite também trouxe questionamentos e apontou saídas para questões relevantes como responsabilidade ambiental, desempenho produtivo e gestão eficiente, considerados como pilares fundamentais para garantir a competitividade da atividade, frente às exigências do mercado internacional.

Foi o caso da palestra Diferenciais Competitivos dos Produtores de Leite no Mercosul, apresentada por Alejandro Galetto, consultor da La Federación Panamericana de Lechería (Fepale) que apontou caminhos para ampliar eficiência e rentabilidade. Segundo Galetto, os diferenciais produtivos e competitivos entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai passam por uma mudança estrutural: menos produtores e fazendas cada vez maiores. “A pecuária leiteira do Mercosul será, por bastante tempo, voltada ao próprio Mercosul e não ao mundo”.

Os temas de gestão e tecnologia foram tratados na fala do médico-veterinário, Matheus Balduino Moreira, da Rehagro Consultoria, que abordou a gestão o que os melhores

produtores fazem para ganhar dinheiro na crise. “Há propriedades de alto desempenho, mesmo em cenários adversos, o que reforça a necessidade de aumentar a produtividade, reduzir custos e adotar uma visão integrada da produção”, disse o especialista. Moreira enfatizou que é essencial trabalhar com produtos que tragam resultados, produzindo mais leite com menor custo e maior eficiência.

Segundo ele, as mudanças no

cenário competitivo internacional exigem das empresas uma postura voltada para produtividade e gestão estratégica. Como novidade, apresentou estudos sobre o impacto da vida reprodutiva na taxa de concepção e na perda de prenhez, mostrando como tecnologia e genética podem transformar os rebanhos leiteiros. “Animais geneticamente superiores produzem mais leite, o que se traduz em maior lucro”, afirmou.



Produção leiteira foi pilar do encontro realizado durante a Expodireto Cotrijal

## Evento sobre seguros defende criação de um fundo catastrófico nacional

Em tempos de mudanças climáticas, com a ocorrência de estiagens e enchentes, o setor de seguros costuma ser um dos mais demandados. Em função disso, a Expodireto realizou, neste ano, a primeira edição do Fórum de Seguros da Cooperativa Central de Serviços Agropecuários (CCSA) que debateu as dificuldades enfrentadas pelo setor e os benefícios potenciais da criação de um fundo catastrófico nacional. “Se nós tivéssemos um fundo de seguro consistente, onde todos pagassem uma parte, com certeza o produtor poderia fazer uma apólice mais barata, ter uma cobertura maior e um risco menor com a seguradora. A gente sabe que quanto mais alto o risco, maior o custo. Então, esse debate é de suma importância”, defendeu o presidente da Cotrijal e da CCSA, Nei César Manica.

O painel Cenários e Perspectivas do Seguro Agrícola reuniu especialistas do setor para debater sobre a necessidade de ofertar um produto customizado para os produtores, modelos de subvenção em países como Estados Unidos, Índia, China,

México e Espanha, e em estados brasileiros como Paraná e São Paulo. “A criação de um fundo catastrófico nacional traria previsibilidade para o mercado e queda na taxa de seguro aos produtores rurais”, afirma a diretoria de relações institucionais da Confederação Nacional das Seguradoras (CNSeg), Marianah Villela.

O gerente de pesquisa da Cooperativa Central Gaúcha Ltda (CCGL) e da Rede Técnica Cooperativa (RTC), Geomar Corassa, falou sobre os diferenciais tecnológicos do sistema cooperativo em prol do agro gaúcho e demonstrou que a agricultura do Rio Grande do Sul depende em 50% do clima, 23% do solo, 13% da planta e 14% do manejo. “Os dados mostram que nos últimos 45 anos, entre 1980 e 2025, nós perdemos ao ano, em média, 32 dias chuvosos. Mas isso não significa que está chovendo menos. O estudo mostra que há uma maior variabilidade climática, o que significa mais dias sem chuva e dias com chuva de alta intensidade. Precisamos nos adaptar a esse cenário”, afirmou Corassa.